

## REVISTA MEMENTO

V.3, n.2, ago.-dez. 2012

Revista do mestrado em Letras *Linguagem, Discurso e Cultura* – UNINCOR

ISSN 1807-9717

**A ARQUITETURA FAMILIAR NA MEMÓRIA FRAGMENTADA EM *DOIS IRMAOS* (2000), DE MILTON HATOUM**Rodrigo Frausino da SILVA<sup>1</sup>Prof. Ângelo Adriano Faria de ASSIS<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma reflexão sobre a memória como recurso de reconstrução de fatos históricos e as aproximações dos mesmos por meio da linguagem literária. O livro *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, objeto de estudo desta pesquisa, traça um novo perfil da cidade de Manaus do início à década de 60 do século XX. O autor retrata um Brasil ainda a ser descoberto nos deslocamentos de uma família libanesa e nos encontros e desencontros de dois gêmeos, os quais protagonizam a produção. A casa, tal qual a família, é construída e reconstruída, em meio a ruínas. O questionamento sobre a identidade dos irmãos se faz na busca do Outro, mesmo que de forma discrepante. A forma não linear de contar os fatos traz ao narrador uma nova forma de recriação da história por meio da literatura. Os limites entre literatura e história são mostrados e questionados.

**Palavras-chave:** Memória, Literatura, História, Arquitetura, Reconstrução.

*A memória é a chave da arquitetura. Sem ela, não temos futuro.*

(Daniel Libeskind)

A história de capital do Amazonas é marcada, dentre outras coisas, pelo período áureo da extração e exportação da borracha, na segunda metade do século XIX e início do século XX. Mais do que apogeu, o período da borracha tem marcas da decadência da produção e evasão do produto da seringueira. Segundo Maria Lígia Coelho Prado e Maria Helena Holim Capelato, “em 1900, a produção da borracha asiática, proveniente de seringais cultivados entrou no mercado com uma contribuição pequena [...] que, no entanto, cresceu assustadoramente” (PRADO; CAPELATO, 1975, p. 301).

Este período é marcado pela migração de outras partes do Brasil rumo ao Norte do país. Além desse movimento migratório, observa-se a presença de indivíduos de outras nacionalidades, como os libaneses que procuravam refúgio no Brasil por não haver perspectiva no país de origem por causa da dominação turco-otomana. Os imigrantes

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa – UFV – MG – BRA, [rodrigofrausino@hotmail.com](mailto:rodrigofrausino@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa – UFV – MG – BRA, [angeloassis@ufv.br](mailto:angeloassis@ufv.br)

libaneses foram vistos associados ao comércio. Segundo André Gattaz, “o ofício de mascate foi fundamental na definição da imagem que os brasileiros fazem do grupo imigrante libanês” (GATTAZ, 2005). Aos poucos, a imagem que os nativos tinham dos libaneses mudara: “O relativo sucesso econômico e a conseqüente ascensão social provocou uma mudança na imagem que o brasileiro fazia do mascate e do comerciante árabe na sociedade” (GATTAZ, 2005, p. 106).

Poucos anos após a vinda de forasteiros, o período da borracha entrava em crise. Era o início da decadência do látex manauara. Casas e outras construções levantadas no auge da produção da borracha, como o Teatro Municipal de Manaus e outros, foram abandonadas. Há uma mudança nas relações econômicas, políticas e sociais. Assim, no período da riqueza descoberta na floresta, foi grande o fluxo da migração em direção a Manaus. Além de nordestinos, pessoas de outras nacionalidades também tentavam transformar a cidade no palco da ascensão econômica.

Milton Hatoum, escritor manauara nascido em 19 de agosto de 1952, conta, no livro *Dois irmãos*, história de uma família de imigrantes libaneses fixada na Manaus do início do século XX. Arquiteto formado pela USP, na década de 1970, o escritor já havia publicado outro romance anterior *Relato de um certo oriente* (1990) – o que lhe dera grande reconhecimento. É autor de *Cinzas do norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008). Sua obra é vasta, incluindo sete romances, quatro contos, nove crônicas, vários ensaios e traduções.

O livro *Dois irmãos* é a tentativa de reconstrução histórica de fatos tendo como pano de fundo as relações familiares. A família e suas ruínas são refletidas em linguagem que mistura erotismo e exotismo. As memórias que compõem a obra são relatadas sob o olhar do narrador onipresente. O livro caminha no limiar entre a construção da casa e o seu desabamento. O romance mostra a questão do duplo na literatura e na história, com associação de Omar e Yaqub aos personagens bíblicos de Esaú e Jacó. Além disso, a obra evidencia a reconstrução de fatos históricos com base em fragmentos da memória.

Segundo Hayden White, “a imagem da realidade que o romancista assim constroi pretende corresponder, em termos gerais, a um determinado domínio da experiência humana que não é menos ‘real’ do que aquele que é referido pelo historiador” (WHITE, 2001, p. 44). Sob esta ótica, pode-se refletir dos limites e fronteiras entre literatura e história. O romance de Milton Hatoum mistura literatura e história. Os limites e fronteiras entre ficção e história convergem em reconstituição histórica por meio do texto literário.

O enredo do livro *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, alude à própria noção de povo brasileiro, uma vez que insere um recorte e resgate histórico no cenário de Manaus na sociedade brasileira. A cidade tem a caracterização de ilha desconhecida. Segundo Tânia Pellegrini, em análises sobre *Relatos de um certo Oriente* e *Dois irmãos*, “Manaus surge nos dois livros, por esse viés, como um espaço sócio-cultural e histórico, formado por estratos humanos que se cruzam e misturam, quase desaparecendo e deixando poucos vestígios” (PELLEGRINI, 2001, pp. 123 – 124).

Hatoum dá a Manaus a denominação de ‘cidade flutuante’. O local é mostrado como uma jangada que emerge nos fragmentos dos acontecimentos do século XX. O texto envereda pelo mapa da cidade de Manaus, a cidade que flutua, em “uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajes e aparências” (HATOUM, 2000, p. 53). A obra é um retrato construído com fragmentos memorialísticos do narrador do início do século XX ao final da década de 1960. A obra faz uma outra cidade se mostrar:

Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos ou que não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisaram tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquelética que rondava os pilares das palafitas. Via mulheres cujos rostos e gestos lembravam os de minha mãe, via crianças que um dia seriam levadas para o orfanato que Domingas odiava. Depois ia passear pelos becos e ruelas do bairro da Aparecida e apreciar a travessia das canoas no porto da Catraia. (HATOUM, 2000, pp. 80-81)

A capital manauara é mostrada como uma ilha flutuante, como se fosse uma jangada a deriva. A trajetória da cidade que flutua segue o caminho que a família faz para a decadência. Um dos lugares que se tornou ponto de encontro de estrangeiros e também de contrabando de mercadorias era o porto: “Tudo o que naquela época não se via em nenhuma cidade brasileira: a forma, a cor, a etiqueta, a embalagem e o cheiro de estrangeiros” (HATOUM, 2000, p. 139).

Pode-se notar também que Manaus é retratada como pano de fundo dos acontecimentos da época no Brasil e no mundo. As grandes guerras são retratadas com as lembranças do narrador: ““Fora assim durante os anos da guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios [...]” (HATOUM, 2000, p. 22). Assim também foi aludido o golpe militar de 1964 e a implantação da zona franca em 1968 na obra em questão. No livro *Cinzas do Norte*, Hatoum parece dar continuidade à história narrada em *Dois irmãos*. “A euforia que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado” (HATOUM, 2000, p. 128).

A cidade também é descrita no tempo da Segunda Guerra Mundial: “Manaus às escuras [...] havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro” (HATOUM, 2000, p. 22). O tempo áureo da extração da borracha se transformava em cenário de pobreza dos ex-seringueiros que se espalhavam por Manaus.

O texto marca historicamente a queda de Getúlio e a promulgação de uma nova Constituição Federal (1946), nas memórias do narrador sobre a ida de Yaqub a São Paulo: “Yaqub e o Brasil inteiro pareciam ter um futuro promissor” (HATOUM, 2000, p. 41).

O restaurante Biblos, do libanês Galib e pai de Rânia mostra a realidade vivida naquele lugar: “[...] e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em transito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo” (HATOUM, 2000, p. 48). A imagem de Manaus do início do século XX é mostrada no romance de Hatoum como uma Manaus que recebia muitos imigrantes.

A destruição da casa também retrata as ruínas da cidade na época da implantação da zona franca, vista aos olhos dos residentes e expulsos para a implantação das obras: “Assistiam atônitos, à destruição da cidade flutuante” (HATOUM, 2000, p. 211). Segundo Burke, “em determinadas circunstâncias, um grupo social e parte de suas memórias às vezes resistem à destruição da casa” (BURKE, 2000, p. 76). O narrador consegue esta resistência a que se refere o crítico Burke, uma vez que é reconstruída a casa no texto literário, mesmo que ela já não exista espacialmente mais.

Manaus se torna o barco que navega sem rumo na floresta e carrega vidas em encontros e desencontros. A cidade se torna passagem do viajante que traz ao conhecimento dos leitores um outro Brasil que não aquele do eixo Rio – São Paulo.

O romance *Dois irmãos* retrata a trajetória de uma família árabe que se instala em Manaus. O texto é introduzido por um breve relato do fim da vida de da libanesa Zana, herdeira do imigrante Galib, que foi seduzida por Halim nas declamações de gazais. Eles se casam e se tornam pais de dois gêmeos, que são a parte central da obra, e de Rânia. A figura de Zana é representada pela autoridade na casa. Ela que arquiteta a vida dos familiares, tanto que escolheu mandar somente Yaqub para o Líbano, pois o caçula era seu preferido. Sempre pensou numa possível união entre os dois – algo que nunca acontecera.

O texto bíblico extraído do livro do Gênesis mostra as diferenças entre duas pessoas da mesma origem: “duas nações há no teu ventre, e dois povos dividirão das tuas entranhas, e um

povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor. (GÊNESIS; 25, 23). A passagem bíblica faz alusão às disparidades entre os irmãos gêmeos Esaú e Jacó.

Existe também a presença marcante do narrador não só no texto introdutório, mas também em toda a obra, uma vez que a construção da memória é feita sob a ótica dele. Ele próprio ouvira e presenciara histórias e fatos de uma família de imigrantes libaneses no cenário da “cidade flutuante” durante o século XX, mais precisamente entre 1910 e 1968, com a implantação da zona franca de Manaus. A construção da história segue o fio da memória do narrador que, por sua vez, enfatiza a importância do relato de sua mãe Domingas e de sua presença na recriação dos fatos: “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu, eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final” (HATOUM, 2000, p. 29). Segundo Maurice Halbwachs, “é da própria lembrança, em torno dela, que vemos de alguma forma raiar seu significado histórico” (HALBWACHS, 2006, p. 82). As memórias do narrador são fragmentos que encontram e se desencontram no ambiente urbanizante de Manaus. A presença de Domingas é indispensável na narrativa:

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. Ela pensava que um ciuquinho deles tivesse sido a causa da agressão. Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela (HATOUM, 2000, p. 25).

A narrativa segue os pedaços da memória resgatados de diferentes personagens, portanto, de diferentes olhares da obra. O narrador busca na memória as respostas para a sua paternidade e tenta encontrar entre os membros da família seu pai. Este deslocamento de busca converge em reconstrução da história das personagens baseado em ecos que afloram cores, perfumes, comidas, segredos e inconclusões.

Segundo Peter Burke, “lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem as atividades inocentes que outrora se julgava que fossem” (BURKE, 2000, p. 70). No movimento de busca da sua identidade, o narrador recria o cenário manauara após a decadência da exploração da borracha. Hatoum promove não somente a reflexão acerca da identidade individual, mas também da identidade cultural do sujeito. Os questionamentos no âmbito da origem do narrador, mais especificamente, do pai do narrador, procura em toda a obra a reconstrução histórica por meio de fragmentos de fatos, histórias e conversas.

A pergunta que Zana faz no leito de morte sobre a reunião dos dois irmãos é temática que coincide com um romance histórico que tem como pano de fundo as diferenças da condição humana protagonizadas pelos filhos Yaqub e Omar. Além disso, o autor tenta reconstruir a história com dados memorialísticos da percepção no narrador que se deixa tornar personagem ou da personagem que se incumbe de revelar a história. A arquiteta da família é Zana: tentativa de reparo e construção de vidas e relações que se desfazem.

O drama familiar é apresentado no texto literário com a perspectiva do retorno de Yaqub, uma das personagens centrais que, arbitrariamente, foi enviado ao Líbano por seu pai porque, juntamente com Omar, já estava lhe trazendo aborrecimentos e disparidades familiares. O reencontro dos dois irmãos é tanto temido quanto necessário para o desenrolar da trama. O autor tenta construir uma imagem de um Brasil rico esquecido nos fluxos imigratórios internacionais que estavam presentes na Amazônia, desde o início do século XX.

A figura de Rânia no romance serve de contraponto da busca da identidade dos irmãos Yaqub e Omar. Halim, o pai, viu na filha uma mulher forte que comandaria sua loja: “o que ele esperava de Omar, veio de Rânia, e da expectativa invertida nasceu uma águia nos negócios” (HATOUM, 2000, p. 95). As relações entre ela e os irmãos sempre tiveram o amor deslocado para além do comportamento familiar, o narrador a sugere o relacionamento afetivo sexual dela restrito aos irmãos: “era uma menina alegre e apresentada, contou Domingas, mas desde aquele dia só tocou em dois homens: os gêmeos” (HATOUM, 2000, p. 94). Na verdade, o texto deixa a entender que a irmã tinha um caso incestuoso com os dois irmãos.

A história dos gêmeos pode remeter à releitura do texto bíblico do livro do Gênesis que mostra disparidades nas personagens de Esaú e Jacó. A disputa entre os filhos de Isaque permeia o livro do Gênesis. Disputa pela benção do pai que faz com que Rebeca, a mãe, também tenha preferência pelo filho mais novo. “Durante anos o filho Omar foi tratado como filho único.” (HATOUM, 2000, p. 15) *Dois irmãos* propõe, assim, uma releitura do mito do duplo por meio do texto literário. “No fundo, Omar era cúmplice de sua própria fraqueza [...]” (HATOUM, 2000, p. 178)

O enredo do livro trata as questões relacionadas ao relacionamento entre os dois irmãos gêmeos. O desentendimento entre os irmãos faz com que Yaqub fique isolado de sua família durante cinco anos no país de origem de seus pais. Quando ele retorna, sente-se um desarticulado em sua própria família. Hatoum constrói o sujeito dualmente dividido no lar e na pátria. Desde que o primogênito voltara do Líbano, ele é representado pela figura do

estrangeiro: “não era mais o menino, mas o rapaz que passara cinco dos seus dezoito anos no sul do Líbano” (HATOUM, 2000, p. 13).

Yaqub fora, de certa forma, afastado de sua família com o intuito de não causar tantos aborrecimentos tendo em vista o relacionamento conturbado que tinha com seu irmão gêmeo desde a infância. Ele figura a personagem estrangeira que se sente diferente no ambiente familiar quando retorna do ‘exílio’ no Líbano. O reencontro com o passado torna o retorno mais difícil: “A dor dele parecia mais forte que a emoção com o reencontro com o mundo da infância.” (HATOUM, 2000, p. 116)

De acordo com Maurice Halbwachs, “em geral, a nação está distanciada demais do indivíduo para que este considere a história de seu país algo diferente de um contexto muito amplo, com o qual sua história pessoal tem pouquíssimos pontos de contato” (HALBWACHS, 2006, p. 99). Neste sentido, a figura da irmã mais nova Rânia se mostra “sempre impaciente com o silêncio do irmão, com o pedaço de passado soterrado” (HATOUM, 2000, p. 38).

A distinção física entre os irmãos é percebida pela cicatriz que Yaqub carregava no rosto como consequência do ciúme de seu irmão quando, na infância, aquele se aproximara de Lívia. Depois da marca no rosto, “os pais tiveram que conviver com um filho silencioso” (HATOUM, 2000, p. 28). O primogênito carrega um pedaço do passado que não fora mencionado: o Líbano. Enquanto isso, Omar “parecia um filho sem culpa, livre da cruz. Mas não da espada” (HATOUM, 2000, p. 33).

Percebe-se a retomada do mito do duplo um filho se mostra em oposição ao outro: Se, por um lado o mais velho estava sempre distante da casa, o caçula “era presente demais: seu corpo estava ali, dormindo no alpendre” (HATOUM, 2000, p. 61). Enquanto Omar é figurado como legítimo manauara, Yaqub se mostra com traços de um estrangeiro em sua própria terra: “ele não parecia um estranho, mas alguém que não conseguia ser espontâneo na casa onde nascera” (HATOUM, 2000, p. 112).

Os deslocamentos feitos por Yaqub no texto literário constituem a própria viagem e alude à figura do estrangeiro. Segundo Álvaro Manuel Machado, “de todas as experiências do estrangeiro – país ou indivíduo – a viagem é sem dúvida a mais complexa” (MACHADO, 1988, p. 33). Complexa, portanto, se resgatada pela memória, pode também se tornar viés para desenvolvimento da narrativa. Os irmãos de Rânia, diferentemente dos gêmeos bíblicos mencionados, não fazem as pazes. Omar é associado à figura do nativo brasileiro, enquanto

Yaqub é associado ao estrangeiro. Enquanto o caçula vai cumprir pena na cadeia, o outro entra para o serviço militar. São as disparidades que os aproximam. A diferença física pode estar na cicatriz, mas em termos de personalidade, os dois se divergem mais ainda

A história de *Dois irmãos* remonta a história de Manaus com base em uma família de origem libanesa. O narrador, além de compartilhar sua memória, vive uma busca incessante pela sua origem, pela figura do pai que lhe é ausente. “Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia.” (HATOUM, 2000, p. 73)

Nael, o narrador que vai se revelando e se construindo junto com o texto literário-histórico, faz com que as diferenças entre os irmãos invertam em ponto de semelhança entre eles. Ele está situado entre duas culturas: a indígena, representada por Omar, e a libanesa, representada por Yaqub. Se de um lado, Omar pode ser traduzido como emoção, corpo, natureza ou barbárie, o ‘outro’ irmão se transfigura como razão, mente, cultura e civilização. Yaqub é o estrangeiro e racional, um forasteiro que se sente sem lugar em Manaus. Isso não o contrapõe à cultura brasileira, uma vez que carrega traços do “herói sem nenhum caráter”, no que diz respeito às viagens e deslocamentos além das fronteiras. Segundo Maria de Fátima Marinho,

é essa memória, geradora de busca incessante da identidade, que vai ter um lugar fundamental nas relações entre a literatura e a história, sempre que aquela se predispõe a falar desta, isto é, desde que se percebeu a necessidade de repetir a História, mesmo se de forma velada ou inovadora (MARINHO, 2008, p. 137).

A todo o momento, o narrador questiona a sua origem paternal. Ele desconfia de todos os homens da casa. No decorrer do romance, ele se revela filho de um dos gêmeos, não deixando claro qual seria exatamente. Essa incompletude é marcada em todo o romance de Hatoum. No mesmo movimento ele constrói, desestabiliza e destrói a casa de Halim e Zana. O narrador usa a memória como reconstrução mosaica dos fatos que presencia ou ouve de alguém: “Ele (Halim) me trazia revelações em dias esparsos, aos pedaços, como retalhos de um tecido” (HATOUM, 2000, p. 51). O narrador consegue conjugar situações espedaçadas da condição humana de forma histórica.

A segunda vez que Yaqub deixa a casa é por vontade própria. Ele vai a São Paulo e prospera. Todos os meses ele envia notícias a sua casa e recusa a ajuda financeira. “Agora não morava mais numa aldeia, mas numa metrópole” (HATOUM, 2000, p. 60). São os



deslocamentos dos viajantes feitos no mundo cada vez mais urbanizado: experiência da caminhada.

Peter Burke afirma que “em determinadas circunstâncias, um grupo social e parte de suas memórias às vezes resistem à destruição da casa” (BURKE, 2000, p. 76). No romance de Hatoum em questão, a casa é fundamentada nas ruínas de histórias vividas naquele local. O narrador sustenta a casa pela linguagem.

O narrador conta de forma não linear os fatos: ora traz as recordações de um tempo mais recente ora traz lembranças que pareciam esquecidas por tanto tempo guardadas. Nesta perspectiva, Ana Cristina Rezende Chiara considera que se “a memória é um fator constituidor de nosso ser no mundo, devemos pensá-la também na sua função social” (CHIARA, p. 70). O narrador constrói seu mundo com base na memória: “mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio” (HATOUM, 2000, p. 90-91). O resgate das recordações feito no romance torna o texto uma ferramenta de reconstrução histórica por meio da ficção. Segundo Maurice Halbwachs, “o que subsiste em alguma galeria subterrânea (...) são indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado que representamos de modo incompleto ou indistinto.” (HALBWACHS, 2006, p. 97)

No decorrer da narrativa, o narrador vai desconfiando de todos os homens da casa, em que um deles poderia ser seu pai. Ele descobre que é filho de um dos gêmeos. A incompletude na identidade é deixada clara no texto. De uma outra forma, um outro relacionamento incestuoso acontece. O narrador também tem um caso com Rânia. “Eu sentia o cheiro de Rânia antes de escutar seus passos no corredor do andar de cima.” (HATOUM, 2000, p. 96)

A vivência do narrador é colocada no texto como forma de manutenção da casa. “É no passado vivido, mais que no escrito, é que mais se baseia a memória.” (HALBWACHS, 2006, p. 90). Hatoum consegue, por meio do narrador onipresente, criar um espaço onde o drama familiar possa se relacionar com as questões históricas da construção da memória coletiva.

Segundo Edward Carr, “os fatos da história nunca chegam até nós ‘puros’, desde que eles não existem nem podem existir numa forma pura: eles são sempre refratados através da mente do registrador” (CARR, 2002, p. 58). O livro de Milton Hatoum é um novo olhar sobre a história de Manaus. Uma nova versão que retrata as condições de vida na capital do Amazonas.

Outros locais são mencionados na obra, como o Líbano, Rio de Janeiro e São Paulo, porém Manaus assume o papel principal e cenário das diferenças da condição humana. Sobre o Líbano, a propósito, convém destacar a impaciência da irmã com o Yaqub: “Rânia, impaciente com o silêncio do irmão, com o pedaço de passado soterrado, espicaçava-o com perguntas” (HATOUM, 2000, p. 38).

O romance *Dois irmãos*, além de descrever fatos, locais e personagens da capital manauara do século XX, traz a ideia de arquitetura de fragmentos memorialísticos para a construção histórica na busca da identidade de um indivíduo ou de um grupo.

As ruínas da casa, que é palco da trama, são remexidas e remontadas ao olhar do narrador. Assim como as personagens, o local foi desfeito: “A casa foi se esvaziando e em pouco tempo envelheceu” (HATOUM, 2000, p. 247).

O livro de Milton Hatoum também propõe uma reflexão acerca das possibilidades de construção ficcional. A temática do duplo, nas figuras dos gêmeos, se mistura ao tema do viajante. Segundo Álvaro Manuel Machado, “viajar torna-se então menos ver um país do que recuar no tempo e estabelecer sínteses, ‘quadros’, actuando mais como ‘filósofo’ do que como viajante” (MACHADO, 1998, p. 179).

“Cedo ou tarde, o tempo e o acaso acabam por alcançar a todos” (HATOUM, 2000, p. 259). O narrador faz com que a própria memória viaje no tempo para fazer recriar e eternizar o lar refletido na família de Zana e Halim. O verdadeiro arquiteto da casa é o narrador. Se por um lado, a casa é destruída concretamente, por outro, ela é reconstruída com memórias narrativas. Ademais, as ruínas de narrativas se misturam, compondo uma obra que traz a incompletude das histórias e mostra as lacunas que a literatura pode ajudar a preencher.

**AGRADECIMENTOS:** Ao Prof. Ângelo Adriano Faria de Assis e à Prof.<sup>a</sup> Gracia Regina Gonçalves, pelo constante apoio. A Edézio Luiz de Castro, pela humildade ao mostrar como se constroi um lar com restos de outras histórias e moradas.

#### **Family construction in fragmented memory in *Dois irmãos* (2000), by Milton Hatoum**

**Abstract:** *This paper proposes a reflection on memory as a resource to reconstruction of historical facts and their approximations through the literary language. The book *Dois irmãos* (2000), by Milton Hatoum, object of this research, outlines a new profile of the city of Manaus in the early 60s of the twentieth century. The author portrays a Brazil yet to be discovered in the displacement of a Lebanese family and the comings and goings of two twins who star in the production. The house, like the family, is constructed and reconstructed with ruins. The question about the identity of the brothers is done in pursuit of another, even*

*though in a different manner. The non-linear way of telling the facts the narrator brings a new way of recreating history through literature. The boundaries between literature and history are shown and questioned.*

**Keywords:** *Memory, Literature, History, Architecture, Reconstruction.*

### Referências bibliográficas

BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: histórias orais de imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. In: \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, pp. 71-111.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARINHO, Maria de Fátima. A construção da memória. In: **Veredas**. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. vol. 10. Santiago de Compostela, 2008, pp. 170-188.

PRADO, Maria Lígia Coelho Prado; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A borracha na economia brasileira da Primeira República. In: \_\_\_\_\_. **História geral da civilização brasileira: estrutura de poder e economia**. Tomo III, vol. I. São Paulo: Difel, 1975, pp. 285 – 307.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: \_\_\_\_\_. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo : EDUSP, 2001.